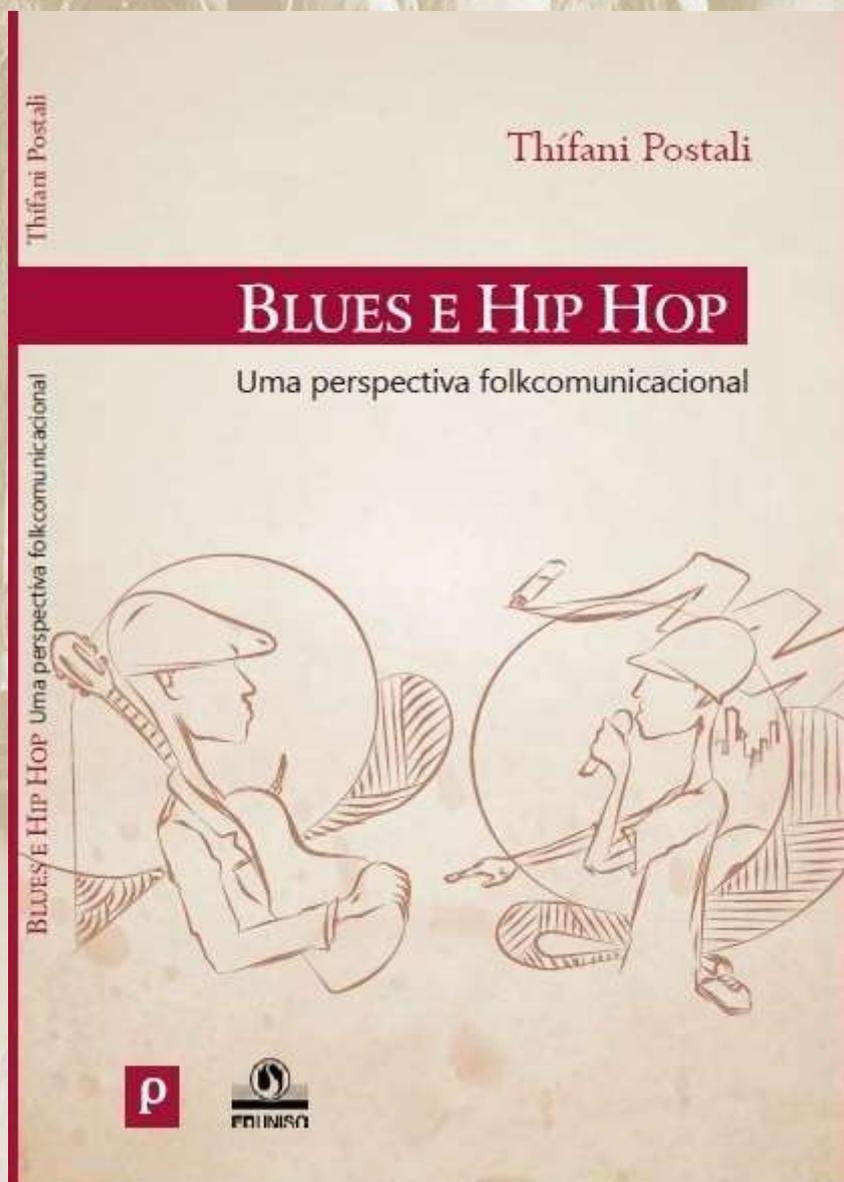


**Entre sons e palavras: a musicalidade afro como resistência**

Ana Paula Maciel Soukef Mendes<sup>1</sup>



POSTALI, Thífani. **Blues e Hip Hop**: uma perspectiva folkcomunicação. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

<sup>1</sup> Jornalista e Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora nas instituições de ensino UEPG e Faculdade Santa Amélia. E-mail: [anasoukef@gmail.com](mailto:anasoukef@gmail.com).

Diferentes pesquisadores dos séculos XX e XXI têm enfatizado em suas produções a necessidade de desconstruir e repensar o modelo tradicional de ciência. Pensar e fazer ciência hoje exige romper com as dicotomias colocadas pelo pensamento moderno, entre elas: a ilusória separação sujeito/objeto. Pesquisar é inevitavelmente envolver-se subjetivamente. Fazer ciência hoje é, nas palavras de Boaventura de Sousa Santos, buscar um lugar “onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada” (2008, p. 58).

Este parece ser o norte da pesquisadora Thífani Postali, formada em Comunicação Social e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Em sua obra *Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicacional* (Jundiaí: Paco Editorial, 2011, 192 p.), Thífani reconstrói, de maneira envolvida e envolvente, a história do *Blues* e do *Hip Hop*, caracterizando-os como discursos de resistência.

O livro, resultado da dissertação de mestrado da autora, fundamenta-se em estudos norte-americanos e brasileiros, com especial atenção para a Escola de Chicago, a partir das ideias de Robert Park, e para a Folkcomunicação, a partir das contribuições de Luiz Beltrão. A autora também dialoga com outros importantes autores: Néstor García Canclini, Jesús Martín-Barbero, Armand Mattelart, Ciro Marcondes Filho, Stuart Hall, Edgar Morin, entre outros.

Em *Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicacional*, Thífani Postali traz para o centro da reflexão os discursos de grupos periféricos. Mais que manifestações culturais, o *Blues* e o *Hip Hop* são compreendidos como meios para disseminar ideias, valores, ideologias e sentimentos. Tendo como base metodológica a hermenêutica de profundidade, propiciada por John B. Thompson, o livro busca reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção do *Blues* e do *Hip Hop*.

No primeiro capítulo, *Definindo caminhos: uma abordagem teórica*, Thífani destaca a música como importante prática comunicacional dos escravos africanos. A autora enfatiza que entre os séculos XVI e XIX, o continente americano recebeu cerca de 10 milhões de escravos africanos. A maior parte deles passou a viver no território brasileiro e no norte-americano. Impedidos de desenvolver as práticas de leitura e escrita (pois isso facilitaria rebeliões), os escravos encontraram na música um meio eficaz para praticar a comunicação. Aproximando-se ao conceito de “comunicação cultural”, de Luiz Beltrão, o livro enfatiza a música como uma técnica que envolve não apenas a comunicação oral, mas expressional, gestual e imagética.

A música, como prática comunicacional, permite integrar a palavra falada a outros códigos. Ela envolve mais que oralidade somada ao ritmo. A música abrange todo o sentimento específico de um grupo e está ligada à atitude, resistência e ideologia. Segundo a autora, a

atitude envolve a resistência que, por sua vez, é formada por questões ideológicas – alicerces das manifestações *Blues* e *Hip Hop*.

O segundo capítulo, *Blues*, coloca em evidência seu nascimento, protagonizado pelos escravos trabalhadores das fazendas do sul dos Estados Unidos. É importante destacar que as proibições musicais e religiosas impostas aos africanos, bem como imposições culturais como a evangelização, fizeram-se fortemente presentes no sistema escravagista. Nas palavras de Thífani:

O que explica a composição do Blues são, justamente, a proibição de práticas culturais africanas e a evangelização forçada dos escravos, ocorrida no início do século XIX. Desta forma, o sistema escravagista possibilitou, mesmo que de maneira forçada, a hibridação de culturas díspares (POSTALI, 2011, p. 93).

Como o nome sugere, *Blues* é um gênero musical dramático que, em um primeiro momento, foi usado para expressar tristeza e medo. Foi o modo encontrado pelos escravos para expressar seus sentimentos, e também uma forma de resistência e revolta contra o sistema social. Até meados da primeira década do século XX, o *Blues* era uma manifestação cultural exclusiva das regiões do sul dos Estados Unidos. Com o fim do sistema escravocrata, diversos ex-escravos, perdidos e desamparados, migram para as cidades industrializadas do norte dos Estados Unidos. É o início da expansão do gênero musical pelo território americano. As temáticas rurais do *Blues* fundem-se às temáticas urbanas.

No século XX, com a ascensão da indústria do entretenimento norte-americano, há uma modificação na essência do *Blues* – o que antes era produzido para discursar sobre a realidade, passa a obedecer às regras estabelecidas pelas gravadoras. Mas fora da indústria do entretenimento, muitos *Blues* de resistência continuaram a existir, principalmente nos espaços marginais. É importante deixar claro que a existência de espaço para o *Blues* dentro das gravadoras não significava a valorização da cultura afro e/ou o fim do racismo. A existência deste espaço estava ligada a uma perspectiva de mercado, já que o som dos *bluesmen* era considerado contagiante. Os músicos negros continuaram vivendo uma realidade de opressão, preconceito e pobreza.

O segundo capítulo, *Hip Hop*, pontua que a partir dos anos 60 do século XX, as gerações afro-estadunidenses começaram a criar novas maneiras de se comunicar e de resistir ao sistema social. Assim como o *Blues*, o *Hip Hop* emerge de processos de hibridização cultural. Segundo a autora, sua raiz provém da Jamaica. Na década de 60, a população carente jamaicana passou a

utilizar a música como meio de expressão contra o sistema social. Fugindo dos problemas econômicos e políticos, muitos jamaicanos na década de 70 mudaram-se para territórios marginais em Nova York. No encontro com a cultura norte-americana, nasce o que hoje conhecemos como *Hip Hop*.

O *Hip Hop* é um movimento cultural formado por diferentes elementos artísticos, não apenas a música. Segundo Thífani, os principais elementos que o compõem são: *DJ*, grafite, *Rap* e *breaking*. O *Hip Hop* combina diversas perspectivas culturais com intuito de disseminar ideias e ideologias de resistência, a exemplo dos *Raps* de contestação. O livro coloca que é possível considerar o *Rap* como um fórum cultural, no qual os negros expressam experiências, preocupações e visões políticas. A década de 80 é considerada um marco na afirmação do gênero musical *Rap* como forma de combate à opressão.

É importante enfatizar que o movimento *Hip Hop* está envolto em uma série de estereótipos. Como destaca a autora:

[...] muitos líderes se queixam que, ultimamente, o movimento está assimilado à criminalidade, ou seja, está sendo identificado como oposto à sua verdadeira proposta. Isso porque, inúmeros indivíduos se apropriaram do movimento para disseminar o conteúdo da vida *gangsta* (POSTALI, 2011, p. 141-142).

O livro ainda destaca que a associação recorrente entre *Hip Hop* e criminalidade está diretamente ligada à atuação da mídia, que continuamente dá visibilidade ao movimento como manifestação de violência.

O último capítulo, *Considerações: Blues e Hip Hop*, enfatiza que a verdadeira conquista da liberdade dos negros americanos não aconteceu com o marco histórico do fim da escravidão, mas através de uma longa história de luta pela sobrevivência em um território hostil. As manifestações culturais afro-americanas são expressões dessa dura batalha pela liberdade.

Para a autora, é possível considerar que o *Hip Hop* passou a ser a manifestação da resistência marginal da segunda metade do século XX, iniciada pelo *Blues* no final do século XIX. Ou seja, é possível pensar o *Hip Hop* como uma espécie de atualização do *Blues*, já que ambos configuram-se como discursos de resistência permeados pela herança cultural africana. Além disso, ambos são resultado de processos de hibridização cultural. Thífani acrescenta que *bluesmen* e *rappers* são líderes comunicadores, no sentido exato da definição de Luis Beltrão.

A partir do exposto, resta-nos pensar em como a mídia hegemônica silencia certas vozes e discursos de resistência. Resta-nos pensar como alguns grupos permanecem historicamente marginalizados. Resta-nos pensar que o campo da comunicação só poderá avançar a partir de

uma democratização concreta de seus espaços. Resta-nos pensar que a universidade, como um espaço de construção do saber, só poderá se tornar mais plural a partir do momento em que os pesquisadores souberem reconhecer e valorizar outras vozes. O livro *Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicação*, de Thífani Postali, nos mostra a importância de pensar comunicação e cultura a partir dessas vozes periféricas de resistência. Somente a partir deste reconhecimento será possível almejar uma sociedade mais justa e menos desigual. **RIF**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

POSTALI, Thífani. **Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicação**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.